

# **BUSCANDO A EMANCIPAÇÃO: UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA FAMILIAR SOBRE A SITUAÇÃO DAS MULHERES NA EJA**

Nina de Paula Martins Monteiro de Souza

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – nina.ufrj@gmail.com

Liliane Barreira Sanchez

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – lilianesanchez@gmail.com

## **Introdução**

Atualmente, as mulheres são maioria na população brasileira e também nas escolas e universidades, diferente de algumas décadas atrás, quando até o acesso à escolarização por elas era complicado. De acordo com o IBGE (2013), o público feminino também é maior nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta grande mudança, porém, não significa transformações profundas nestes ambientes educacionais. Além disto, poucos são os trabalhos acadêmicos desenvolvidos articulando EJA às relações de gênero (FERREIRA, NUNES E KLUMB, 2013).

Com isto, destacamos a importância de se refletir sobre a diferença de gêneros e a influência familiar no espaço escolar, em especial no tocante ao acesso e permanência nele, a fim de desconstruir determinadas representações sociais promovidas **pela, na e para** a educação. Partindo de observações e experiências vivenciadas em salas de aula da EJA, nosso objetivo neste trabalho é abordar a questão do gênero relacionada a esta modalidade de ensino, analisando as relações existentes entre o acesso da mulher à escolarização e a interferência das/nas relações familiares.

## **Metodologia**

Fundamentando-nos principalmente em estudos de Paiva (2006), Louro (1997, 2007) e Scott (1995), analisamos o conteúdo das respostas de dezessete alunas ou ex-alunas da EJA do sistema público de ensino, obtidas através de questionário aberto, com oito perguntas que buscavam verificar a influência das relações familiares no processo de escolarização destas colaboradoras. É importante salientar que este artigo traz parte dos resultados da pesquisa monográfica realizada pela autora e orientada pela coautora, intitulada “Mulheres da EJA: em busca da emancipação” (MONTEIRO, 2012).

## Resultados e Discussão

A EJA é uma modalidade de ensino que tem como origem um problema que está além da perspectiva meramente educacional: trata-se da exclusão social e econômica de uma parcela da população, que não teve ou tem acesso à escolarização na infância ou em idade considerada adequada e que, conseqüentemente, permanece presa a essa realidade de exclusão.

A exclusão também pode ser observada através do histórico da educação para mulheres. Em resgate histórico sobre o processo de escolarização feminina no Brasil, Louro (2007) destaca que a lenta evolução tem sua origem na realidade patriarcal de nossa sociedade, trazida por colonizadores e imigrantes de suas regiões de origem, que marca intensamente, até os dias atuais, as concepções de família. Neste sentido, consideramos que o conceito de gênero, definido por Scott (1995) como uma categoria de análise das dinâmicas sociais, se coloca como imprescindível nas discussões acerca do acesso e permanência das estudantes na EJA, como veremos adiante, com os resultados da pesquisa de campo.

Para responder nossos questionamentos, priorizamos convidar mulheres que já haviam parado de estudar anteriormente e/ou que já haviam constituído família. As colaboradoras da pesquisa tinham, na época, entre 21 a 63 anos. Todas ingressaram na escola pela primeira vez na época considerada adequada (as idades mencionadas variam entre 5 e 10 anos). O que, então, as teria levado a sair da escola e retornar algum tempo depois, na EJA?

O ciúme masculino foi motivo mencionado por três mulheres, e a necessidade de trabalhar para ajudar a família apareceu em dez respostas: “Meu pai tinha ciúme e dizia que moça só ia pra escola arrumar namorado” (I., 59 anos); “Da primeira vez precisei trabalhar e não consegui conciliar o trabalho e os estudos, depois por ciúmes de meu marido que na época era meu namorado” (C., 32 anos); “Saí por motivo de ciúme” (M., 37 anos). Na maioria dos casos, o trabalho doméstico foi evidenciado como justificativa. Isto, somado a um casamento na juventude e/ou a uma gravidez precoce: “Casei, tinha afazeres domésticos” (D., 26 anos), fez com que algumas destas mulheres demorasse a conseguir voltar para as salas de aula.

Percebemos nas respostas que quase todos os motivos são atrelados a questões relacionadas ao gênero feminino. Entretanto, quando questionadas se acreditavam que o fato de ser mulher tinha alguma influência em seus estudos, oito colaboradoras responderam positivamente e, destas, apenas uma tinha menos de

30 anos, o que nos fez perceber que as que tinham maior idade percebiam com mais intensidade o “peso” da condição feminina em suas vidas escolares. Acreditamos que isto se deva ao fato de pertencerem a gerações cuja opressão masculina era aceita como algo comum.

Boa parte das colaboradoras, porém, entrou em contradição nas respostas: apesar de mencionarem motivos do abandono da escolaridade relacionados à condição feminina, não conseguiram identificar sua influência na vida social: “Acredito que não, acho que quando você tem um objetivo, basta correr atrás sem olhar os obstáculos. Eu parei algumas vezes, mas não pelo fato de ser mulher, e sim por outros motivos.” (C., 32 anos); “Todos nós temos as nossas oportunidades, seja mulher ou homem. É legal ser mulher gosto de fazer tudo que mulher faz.” (D., 26 anos). A resposta de D. deixa evidente que ela sabe bem qual o papel da mulher e que ele é diferente do papel do homem.

A ideia de que homens e mulheres têm papéis predefinidos ou atributos baseados no sexo, vista como um fato pelas colaboradoras da pesquisa, é desmistificada a partir do conceito de gênero, já que, segundo Scott, ele é “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 91) entre os seres humanos. Isto nos ajuda a compreender que é a partir de construções socioculturais, que se reproduzem através de práticas e discursos cotidianamente reafirmados, diferentes papéis são atribuídos aos sexos, o que propicia uma condição hegemônica de dominação histórica de indivíduos do sexo masculino sobre os de sexo feminino.

Outro aspecto interessante recorrente nas falas das alunas/egressas de EJA é que elas reproduzem um discurso de autculpabilização, muito comum em estudantes desta modalidade: “Depende de cada pessoa querer voltar à escola” (M., 37 anos). De acordo com Paiva (2006, p. 13), através dos meios de comunicação, o imaginário social exime o Estado de suas responsabilidades e considera “cada sujeito interdito do direito como culpado pela própria condição”. Nos casos que analisamos, ao responsabilizarem apenas a si mesmas pelo insucesso em algum objetivo traçado, sem levar em consideração a perspectiva do gênero, estas mulheres não reconhecem as dificuldades e preconceitos que tantas mulheres sofrem, apenas pelo fato de pertencerem ao sexo feminino, tanto nas ruas quanto dentro de suas próprias casas, principalmente pelo pai ou marido.

A família, mencionada por todas as colaboradoras quando questionadas sobre suas trajetórias de vida, apareceu muitas vezes como fator limitante na escolarização das mulheres consultadas. Entretanto, ao questionarmos diretamente sobre como os familiares entendem seu regresso à escola, recebemos um retorno um pouco mais animador. Cinco colaboradoras manifestaram a falta de apoio familiar ou de algum membro específico da família: “Eles não gostaram” (M., 37 anos); “Lá em casa ninguém ligava muito pra estudar não” (L, 37 anos); “Acham perda de tempo” (A., 33 anos). Todas as outras colaboradoras responderam que receberam apoio familiar na volta à escola: “Todo mundo achou bonito eu querer estudar de novo (...) minha filha e meu neto estudavam na mesma escola que eu, (...) então eu me animava” (Z., 63 anos). Isso nos mostra que, apesar de durante muito tempo a educação das mulheres ter sido desvalorizada pela família, já que historicamente elas sempre tiveram outras tarefas priorizadas (LOURO, 2007), hoje em dia este quadro tem se transformado aos poucos.

Do total de entrevistadas, quatorze possuem filhos. Destas, quatro disseram que a gravidez ou a dedicação integral ao cuidado com os filhos as fizeram parar de estudar e se manterem fora da escola. Mas, principalmente em relação às que tem filhos crescidos, o que se evidencia é o apoio dos mesmos na continuidade dos estudos. O incentivo dos filhos foi o principal motivo que levou quatro das colaboradoras a voltarem para a escola e, nestes casos, três contaram também com o apoio dos maridos.

Apesar de reproduzirem as diferenças de gênero, as famílias foram estímulo para o retorno destas mulheres à escola, o que é bastante positivo já que elas, muitas vezes, necessitam do aval familiar para não desistirem dos seus objetivos, sejam eles quais forem: ingressar no mercado de trabalho ou conseguir um emprego melhor; se distrair com as antigas e novas amizades; adquirir novos conhecimentos, aprender mais; realizar um sonho seu ou dos filhos. Neste processo de novas descobertas para evitar outras desistências, este apoio é fundamental.

## **Conclusão**

A partir das respostas dadas aos questionários aplicados às estudantes e egressas da EJA, pudemos efetivamente identificar suas visões acerca do gênero e da sua influência na escolarização e nas relações familiares. Os resultados nos

levam a afirmar que ainda falta espaço para a abordagem desta temática na nossa sociedade.

Percebemos um paradoxo no papel da família: apesar de ainda ser uma das principais reprodutoras desta realidade social de exclusão dos estudos, também está mais presente como estimuladora do retorno à escolarização destas mulheres. Se, por um lado, no passado, elas precisaram, principalmente por conta de seus cuidados com a família (ou trabalhando fora para ajudar no sustento da mesma), se ausentar das salas de aula e deixar para trás alguns sonhos, por outro, a família se coloca no presente como importante pilar de sustentação e incentivo a elas, para que não desistam. O apoio manifestado por familiares, principalmente filhos e maridos, as fazem seguir em frente e caminhar rumo aos seus objetivos.

O gênero e a situação das mulheres na sociedade são discussões fundamentais que precisam de espaço para suas abordagens nas escolas. Entendemos que para além de políticas de acesso à escolarização, é preciso que a permanência seja facilitada e estimulada, não só pela família, mas pela própria escola, que precisa prezar por uma formação mais humana, para permitir que homens e mulheres sejam reconhecidos e se reconheçam como sujeitos de suas próprias histórias.

### **Referências**

FERREIRA, Marcia Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima; KLUMB, Márcia Cristiane Völz. As temáticas gênero e sexualidades nas Reuniões da ANPEd de 2000 a 2006. *In: Revista Brasileira de Educação*, v. 18, p. 899-920, 2013.

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira. **Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica**. Número 29. Rio de Janeiro, 2013.

LOURO, G. L. . Mulheres nas salas de aula. *In: Mary del Priore. (Org.). História das Mulheres no Brasil*. 02 ed. São Paulo: Contexto e UNESP, 1997, p. 443-481.

PAIVA, Jane. Direito à educação de jovens e adultos: concepções e sentidos. *In: 29ª Reunião Anual da ANPEd*. Caxambu, 2006.

MONTEIRO, Nina. **Mulheres na EJA**: a busca pela emancipação. Monografia de graduação. Instituto de Educação - UFRRJ, Seropédica, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez, 1995, pp. 71-9